I CONGRESSO CRIM/UFMG

DIMENSÕES INTERNACIONAIS E TRANSNACIONAIS E GÊNERO

D582
Dimensões internacionais e transnacionais e gênero [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-363-4
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Dimensões Transnacionais. 3. Direitos Humanos. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

I CONGRESSO CRIM/UFMG

DIMENSÕES INTERNACIONAIS E TRANSNACIONAIS E GÊNERO

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 3 - Dimensões internacionais e transnacionais e gênero acolheu trabalhos que abordaram, discutiram e refletiram sobre temas relacionados a fenômenos da seara internacional e que, ao mesmo tempo, ultrapassavam o conceito atual de fronteiras (físicas, ideológicas e/ou digitais). Nesse sentido, os trabalhos contemplaram reflexões sobre fenômenos como as migrações transnacionais, refúgio e apatridia, além de debates sobre deslocamentos populacionais, conflitos internacionais e seus impactos para sujeitos(as/es) diferentemente localizados socioeconomicamente. O GT englobou, ainda, propostas interdisciplinares que envolveram, problematizaram e discutiram questões relacionadas aos fenômenos descritos e suas relações com dinâmicas de gênero, classe, raça, etnia, nacionalidade, entre outras.

O LUGAR DA MULHER NO TERCEIRO REICH: UMA ANÁLISE DAS MULHERES NA ALEMANHA NAZISTA A LUZ DA TEORIA LIBERAL FEMINISTA

THE ROLE OF WOMEN IN THE THIRD REICH: AN ANALYSIS OF WOMEN IN NAZI GERMANY IN THE LIGHT OF LIBERAL FEMINIST THEORY

Gabrielle Mieko Furtado Miki

Resumo

A ascensão nazista no pós-Primeira Guerra Mundial acarretou em diversas mudanças na estrutura da Alemanha, dentro delas se destaca o papel da mulher na sociedade. Ao longo dos anos em que Hitler ocupou o cargo máximo da Alemanha, este desenvolveu mecanismos que compreendiam que a competência da mulher estava ligada diretamente a família e aos filhos, considerando esta, então, como um meio de reprodução da raça ariana. Desse modo, a análise desse fenômeno a luz da teoria liberal feminista auxilia a compreender melhor como a mulher alemã se situava na Alemanha nazista e quais papéis esta administrava.

Palavras-chave: Mulher, Alemanha nazista, Nazismo, Feminismo liberal

Abstract/Resumen/Résumé

The Nazi rise in the post-World War I led to several changes in the structure of Germany, among which the role of women in society stands out. Throughout the years in which Hitler held Germany's highest office, Germany developed mechanisms that understood that women's competence was directly linked to family and children, considering them, then, as a mean of reproduction of the Aryan race. Thus, the analysis of this phenomenon in the light of liberal feminist theory helps to better understand how the German woman was situated in Nazi Germany and what roles she managed.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Woman, Nazi germany, Nazism, Liberal feminism

INTRODUÇÃO

O findar da Primeira Guerra Mundial possibilitou a ascensão do nazismo na Alemanha, que instituiria uma grande reforma na sociedade alemã, apresentando alguns retrocessos, em especial no que tange a mulher alemã. O movimento nazista, na Alemanha, compreende a ideologia política do Nacional-socialismo que, na teoria, implicava ideais revolucionários que levariam a uma sociedade mais justa e igualitária, formando uma comunidade racial, na qual todos são iguais. No entanto, era pautada no racismo e antissemitismo quando argumentava que visava uma Alemanha ariana, com uma homogeneidade racial. O principal ator do nazismo foi Hitler e seu partido, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, com uma participação especial dos devotos de Hitler, seja na sociedade, seja no governo.

As reformas propostas na sociedade alemã pelo nazismo compreendiam uma retomada aos valores tradicionais de como as famílias e a mulher eram vistos. Ou seja, ao longo dos anos em que o nazismo perdurou na Europa, este usufruiu do machismo estrutural imbuído na sociedade, classificando as mulheres como meios para a reprodução da raça ariana e encaixando a mulher em uma posição inferior que compreendia que o propósito da mulher era cuidar da família, dos filhos e da casa. Desse modo, o presente artigo tem como principal objeto de estudo a mulher alemã durante o Terceiro Reich, analisando o papel que esta tomou na Alemanha nazista.

Dito isso, o presente artigo será dividido em três principais partes que irão discorrer sobre o contexto da Alemanha que possibilitou a ascensão do nazismo e de Hitler; os mecanismos voltados a mulher durante a administração nazista, compreendendo, então, como a mulher era vista nesse regime; as origens do feminismo como movimento e como foi constituído o feminismo liberal. E, por fim, as considerações finais que irão estabelecer uma conexão entre a mulher alemã e seu papel no Terceiro Reich com a teoria liberal feminista.

OBJETIVOS

O objetivo geral da presente pesquisa é a análise do papel da mulher alemã no Terceiro Reich através da teoria liberal feminista. Assim, os objetivos específicos estabelecidos para alcançar o objetivo geral abarcam a contextualização da ascensão do nazismo na Alemanha do século XX; a análise da transição da mulher alemã da República de Weimar para a do Terceiro Reich, compreendendo de fato o papel que esta ocupou na ditadura nazista; e a compreensão da teoria liberal feminista.

METODOLOGIA

O trabalho em questão apresenta uma pesquisa qualitativa descritiva-explicativa de natureza básica, utilizando-se do método hipotético dedutivo, do método histórico, comparativo e funcionalista com o intuito de compreender o papel da mulher alemã e como essa se comportava, vista da teoria liberal feminista. Além disso, acerca dos procedimentos técnicos de coleta de dados para a elaboração desta pesquisa, serão utilizadas as de análise bibliográfica e documental, podendo ser primárias ou secundárias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A MULHER ALEMÃ NO TERCEIRO REICH

A situação que levou a ascensão do nazismo na Alemanha é definida pela derrota do país na Primeira Guerra Mundial e os acordos firmados pós a guerra, que estabeleciam, claramente, quem eram os vencedores e os perdedores, e impulsionaram a população alemã a se estabelecer contra a República de Weimar, instaurada com o findar da Primeira Guerra. Após sua derrota em 1918, então, a Alemanha assina um tratado de paz, esperando que este seguisse os ideais de Woodrow Wilson –

> "A Alemanha assinou o armistício com os aliados em Compiège (novembro de 1918) imaginando que o Tratado de Paz que se seguiria seria firmado dentro do espírito dos "14 pontos", enunciado pelo presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, que reivindicava uma "paz sem vencedores nem vencidos". No entanto, quando o tratado foi apresentado aos derrotados, rapidamente se observou que o espírito de concórdia do Presidente Wilson havia sido substituído pelo espírito punitivo que movia a diplomacia anglo-francesa." (SCHILLING, 1988, p. 07).

Ademais, juntamente ao fim da Primeira Guerra, foi instituída a República de Weimar e uma nova constituição para o Estado alemão que compreendia uma democracia representativa semipresidencial. Apesar de ser um modelo que pretendia firmar um bom governo e reparar os danos da Grande Guerra, a República de Weimar enfrentou grandes dificuldades já nos seus primeiros anos, como, por exemplo, a crise econômica, que perdurou devido o Tratado de Versalhes e também pela Grande Depressão de 1929, na qual o marco (moeda alemã da época) perde valor. Assim, é nesse contexto que Hitler e seu partido, NSDAP, começam a ascender, junto com o sentimento antirrepublicano, isto é, o cenário pós Primeira Guerra possibilitou a ascensão de Hitler, principalmente pelas várias crises que a República de Weimar enfrenta.

Estabelecido, então, o contexto da ascensão nazista, cabe a esta parte discorrer sobre o objeto principal dessa seção: a mulher alemã durante o Terceiro Reich. No entanto, antes de compreender o papel da mulher na Alemanha nazista, é importante lembrar que juntamente ao

início da República de Weimar, o pensamento feminista estava tomando forma e as lutas pelo direito ao voto já perduravam há algum tempo devido a primeira onda do feminismo. Assim,

> "Em 1919, na Alemanha recém tornada República, as mulheres alemãs exerceram pela primeira vez o direito de voto. Nestas eleições de janeiro, elas puderam não somente votar, mas também ser eleitas. E muitas foram. Na Alemanha de Weimar, a política é também local feminino." (MACHADO, 2018, p. 01).

Com a ascensão de Hitler, uma onda forte de conservadorismo se instaurou pela Alemanha e a mulher deixava de ser uma figura independente e retornava aos conceitos tradicionais postulados pela civilização antes da primeira onda do feminismo. Ou seja, a mulher no Terceiro Reich era vista como uma máquina de reprodução, com o intuito de gerar filhos que, mais tarde, seriam enviados para os campos de batalha – "Sob circunstâncias ideais, as mulheres deveriam ficar confinadas em casa, como mães de filhos racialmente sãos, tudo em nome da eugenia, da política racial e da preparação para a guerra. O Führer precisava de crianças [...]." (KITCHEN, 2009, p. 165).

Desse modo, para garantir que as mulheres da Alemanha nazista seguissem os passos que Hitler desejava, diversos mecanismos foram criados para enaltecer e auxiliar as mulheres, geneticamente aceitáveis, que decidiam casar-se e ter filhos, sem trabalhar. Em um primeiro momento, todos os indivíduos, racialmente aceitos, que fossem casados ganhavam um empréstimo de mil reichsmark[1], desde que a mulher ficasse em casa e para pagar o empréstimo, bastava ter filhos – a cada filho de um casal, um quarto do empréstimo era pago automaticamente. Além disso, Kitchen (2009) explica que uma generosa isenção de imposto era dada pelos filhos, e pagavam-se bonificações às famílias após o terceiro filho. Ou seja, o Estado criava vários meios para que a mulher alemã continuasse procriando. Assim, a maternidade já não era mais uma questão particular, e passou a ser vista como um serviço público que ajudava a aprimorar a raça e criar uma genuína "comunidade racial" (KITCHEN, 2009, p. 165).

Apesar de todos os mecanismos voltados para a ocupação da mulher alemã como mãe, a presença feminina no espaço de trabalho ainda era relativamente alta, principalmente se comparada aos dados das outras potências da época. Para elucidar isso,

> "No início de 1936, havia 600 mil mais mulheres na força de trabalho do que em 1933. Em 1939, 52% das alemãs entre 15 e 60 anos tinham emprego regular. Em contraste, na Grã-Bretanha, o número era de 45%, e nos Estados Unidos, apenas 36%. Na Alemanha, 36% das mulheres casadas e 88% de não-casadas ganhavam salário. Elas correspondiam a 41% da força de trabalho em 1940, aumentando para 51% no ano

[1] Moeda da Alemanha nazista.

> seguinte, enquanto na Grã-Bretanha não passavam de 29%." (KITCHEN, 2009, p. 166).

Contudo, o aumento que vemos na participação da mulher alemã na força de trabalho no final da década de 1930 e início da próxima é devido, em grande parte, pela falta de homens disponíveis no território alemão por causa da guerra. Como a maioria da população masculina estava sendo recrutada para participar da guerra e defender o país, as mulheres começaram a ascender no ambiente de trabalho e a ocupar empregos que antes eram dominados pelos homens.

Exposto todos esses fatos, pode-se compreender que a mulher, de fato, foi uma vítima no Terceiro Reich, no entanto, não se deve descartar a informação de que um terço da população feminina, 13 milhões de mulheres, estava engajado ativamente em alguma organização do Partido Nazista (LOWER, 2014 p. 16) e que, ao longo da ditadura nazista, muitas mulheres auxiliaram na missão antissemita do Terceiro Reich. Um exemplo de uma mulher que teve participação ativa na perseguição antissemita é Erna Petri, casada com Horst Petri, e foram

> "[...] ambos condenados pela morte de judeus em sua propriedade na Polônia ocupada. Erna descreveu, em detalhes plausíveis, garotos judeus seminus choramingando enquanto ela apontava a pistola. Pressionada pelos interrogadores, que perguntaram como ela, sendo mãe, tinha matado aquelas crianças, Petri alegou o antissemitismo do regime e seu próprio desejo de provar seu valor para os homens." (LOWER, 2014, p. 09).

Ademais, diversas mulheres que ocuparam variados cargos como secretárias, professoras, enfermeiras e até mesmo o de esposa cumpriam grande papel na luta contra os judeus e acreditavam no Nacional-socialismo.

> "Secretárias com dupla atividade eram ao mesmo tempo matadoras burocratas e sádicas: algumas não só datilografavam as ordens de execução, como também participavam de massacres em guetos e assistiam a fuzilamentos. Esposas e amantes de homens da SS não só consolavam os parceiros quando eles retornavam do trabalho sujo, mas também, em alguns casos, sujavam as mãos de sangue." (LOWER, 2014, p. 13).

E apesar de serem em torno de 3,3 milhões de mulheres na Associação Nacional-Socialista das Mulheres, a mulher, durante o Terceiro Reich, não detinha o poder de verdade, como explica Kitchen (2009), as mulheres, segundo a ideologia nacional-socialista, eram seres apolíticos, para fins políticos. Como exemplo, temos Gertrud Scholtz-Klink que liderava a Associação Nacional-Socialista das Mulheres, a Liga das Mulheres Alemãs e era diretora da seção feminina do DAF[2], no entanto, seu poder era de representação teórica e ela era só mais um aparato da política nazista.

[2] O único sindicato da Alemanha nazista, Frente do Trabalho Alemã.

FEMINISMO: A VERTENTE LIBERAL

O feminismo como movimento emerge na Europa, no final do século XIX e início do século XX, inspirado pelos ideais da Revolução Francesa, principalmente pela influência de Marie Gouze, conhecida como Olympe de Gouges, uma ativista política, feminista e abolicionista que escreveu a Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne que constitui 17 artigos que reivindicavam e demonstravam os direitos das mulheres, tais como a igualdade, a liberdade, a justiça, a livre comunicação dos pensamentos e opiniões, entre outros (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 263) – a declaração de Marie foi escrita como uma dedicatória à Maria Antonieta, mulher de Luís XVI. Além disso, Marie Gouze desenvolveu uma peça anti-escravista, L'Esclavage des Nègres que seria mais um propulsor para a sua morte, em 1793, quando foi guilhotinada. Após esse momento, o movimento feminista perpassa por três ondas: a primeira onda ocorreu entre o final do século XIX e o começo do século XX; a segunda onda, entre os anos de 1960 e 1980; e a terceira onda, entre os anos de 1990 a 2000 (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 263/264). No entanto, o que interessa ao presente artigo é a compreensão da primeira onda que originou a teoria liberal feminista, vertente utilizada para a análise constituída neste trabalho.

Dito isso, a primeira onda do feminismo tinha como pretensão questionar os valores tradicionais impostos a sociedade, de forma leve, e a luta pela igualdade representativa, tentando conquistar o direito ao voto – surge, então, para desafiar os paradigmas impostos até o momento. No entanto, mesmo sendo um momento de extrema importância para a teoria feminista, a primeira onda ainda contém fortes raízes conservadoras, visto que as mulheres não queriam de fato mudar a estrutura que as oprimia, elas buscavam apenas algumas melhorias e, além disso, o grupo feminista, dessa época, era constituído de mulheres brancas burguesas.

O feminismo liberal, então, pode ser considerado a forma mais rústica da teoria feminista, ao total, por visar apenas abalar a estrutura instituída pela sociedade até o momento e não de fato reconstruir essa estrutura, começando pelo desmantelamento de tal. Assim, o feminismo, nos seus aspectos basilares, caracteriza-se através de um processo constante de ações coletivas que se referem à emancipação política e conquista de direitos que refletem no empoderamento das mulheres (GREGORI, 2017, p. 49). Desse modo, a vertente liberal explana uma crítica ao modelo patriarcal da sociedade internacional, argumentando que as mulheres foram excluídas, por muito tempo, do âmbito social, público, acadêmico, político e econômico.

CONCLUSÕES

Exposto todos as informações supracitadas, a primeira conclusão, que pode ser feita neste artigo, é a de que as mulheres que sofrem opressão durante a Alemanha nazista são vistas como o estereótipo apresentado da mulher antes da primeira onda feminista. Ou seja, a ideia rústica, institucionalizada por homens, de que a mulher pertence ao lar, cuidando de sua família, é a principal reforma com a ascensão de Hitler e é esta exata visão que o Nacional-socialismo tem da mulher alemã.

Além disso, ao analisar o fenômeno da mulher alemã no Terceiro Reich pela teoria liberal feminista, compreende-se que esta é o reflexo da mulher feminista no primeiro momento do feminismo liberal – é aquela mulher que não quer, de fato, mudar a estrutura machista em que vive, mas sim procura a inserção básica da mulher na sociedade sexista. Essa inserção básica almejada pela mulher na Alemanha nazista pode ser evidenciada pela ascensão das mulheres nos campos de concentração, como o caso da Gertrud Scholtz-Klink que demonstra exatamente o que o feminismo liberal objetiva – a mulher, então, na vertente liberal do feminismo não encontra o poder de verdade, mas sim a ilusão de poder, deixando, então, o poder nas mãos dos homens.

Dessa forma, é possível concluir também que o papel da mulher no Terceiro Reich toma diversas formas, podendo esta assumir o papel de oprimida e de opressora. Quando a administração nazista configura suas políticas para que a mulher seja mais privilegiada sendo dona de casa, cuidadora da família, a mulher alemã, então, ocupa a função de oprimida, remetendo um retrocesso na história feminina – como descrito, na República de Weimar vemos uma Alemanha mais aberta ao poder feminino, enquanto no governo nazista é possível ver esses direitos e conquistas se desmantelando para nutrir o pensamento de Hitler. No entanto, a mulher alemã ao cometer as atrocidades, ela toma a forma de opressora e propaga a visão machista e as formas como os homens tratavam as mulheres até, mais ou menos, o início do século XX.

Por fim, a conclusão final que se tira da análise da mulher alemã no Terceiro Reich é que a instauração da Alemanha nazista e ascensão do NSDAP configura um retrocesso para o cenário feminino, até mesmo se este fenômeno for analisado pela teoria liberal feminista que, como já dito, não tem intenção alguma de reformular a estrutura machista que perdura na sociedade. E as ações das mulheres, em especial as que apoiavam cegamente o regime nazista, compreende um retrocesso maior ainda dos ideais feministas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARES, Cláudia. **Feminismo e Representação Discursiva do Feminino: A Presença do Outro na Teoria e na Prática**. LIVRO DE ACTAS – 4º SOPCOM, 2005. Disponível em < http://www.bocc.ubi.pt/pag/alvares-claudia-feminismo-representacao-discursiva-feminino.pdf> Acesso em 09 maio 2021;

GREGORI, Juciane de. **Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos**. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia-MG, v. 30, nº. 2, jul./dez. 2017 – ISSN online 1981-3082;

KITCHEN, Martin. **O Terceiro Reich: carisma e comunidade**. Martin Kitchen / tradução Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009;

LOWER, Wendy. **As mulheres do nazismo**. 2014. Disponível em <http://almanaquemilitar.com/site/wp-content/uploads/2014/02/Wendy-Lower-As-Mulheres-do-Nazismo.pdf> Acesso em 07 maio 2021;

MACHADO, Yasmin Trindade. **Os valores tradicionais da nova mulher ariana: o lugar da mulher alemã no Terceiro Reich**. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias, 2018;

Monteiro, Kimberly. Grubba, Leilane. **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas**. Direito e Desenvolvimento, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/321843050_A_luta_das_mulheres_pelo_espaco_publico_na_primeira_onda_do_feminismo_de_suffragettes_as_sufragistas> Acesso em 08 maio 2021;

MÜHLEN, Bruna Krimberg Von. STREY, Marlene Neves. **As mulheres e o Holocausto: dando visibilidade ao invisível**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 9, n. 17, nov. 2015. ISSN: 1982-3053;

PASSOS, Carla Christina. **A primeira geração do feminismo: um diálogo crítico com o pensamento liberal**. Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010;

SCHILLING, Voltaire. **O nazismo: breve história ilustrada**. Porto Alegre: Editora Univeridade/UFRGS; MEC/SESu/PROEDI, 1988;

SOUZA, Silvilene Gomes de. **As mulheres do nazismo e o Campo Ravensbruck: a história das mulheres mais temidas no período da segunda guerra mundial**. Itaituba: FAI, 2018.